

CAMINHOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO APLICADO À FILOSOFIA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Herberth G. Ferreira ¹

Hiran Pinel ²

Rodrigo Bravin ³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é trazer alguns dos aspectos que diferenciam a aplicação do método fenomenológico como investigação na perspectiva da Filosofia, Psicologia e Educação. Dessa forma, buscamos desenvolver alguns pontos de convergência ou diferentes perspectivas, ao pensar a vertente filosófica da fenomenologia, passando pela psicologia e educação. Caberá aqui, apenas, a tentativa de delimitar a forma ou a maneira com a proposta fenomenológica pode ser utilizada como método de investigação ao percorrer essas diferentes disciplinas ou epistemologias que, ao serem aplicadas de maneira própria e particular, descrevem e compreendem o fenômeno sob diferentes perspectivas. Ao final, visamos deixar uma breve reflexão para o papel da fenomenologia no espaço da educação especial escolar e não escolar e, com isso, visualizar (sempre que possível), seu sujeito ou campo fenomenológico. Este trabalho tem como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica, envolvido com o olhar da fenomenologia de corte humanista e existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia, Filosofia, Psicologia, Educação, Educação Especial.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é discutir alguns aspectos que diferenciam a aplicação da fenomenologia enquanto método investigativo em sua passagem pela Filosofia, Psicologia e Educação. Dessa forma, não cabe aqui desenvolver um paralelo ou similaridades entre as diferentes perspectivas oriundas de diferentes pontos de partida e chegada dos muitos pensadores e autores que já debateram de alguma forma a questão da fenomenologia. Caberá aqui, apenas, a tentativa de delimitar a forma ou a maneira com a proposta fenomenológica é utilizada como método de investigação ao percorrer essas disciplinas. Nesse viés, miramos nossa descrição fenomenológica entre esses saberes para pensar sua aplicação no horizonte da educação. Esperamos deixar uma breve reflexão para o papel da fenomenologia no espaço da educação especial escolar e não escolar. A

¹ Doutorando em Educação – PPGE/UFES, bolsista CAPES, herberthgf@yahoo.com.br;

² Professor doutor titular (aposentado) – PPGE/UFES, hiranpinel@gmail.com;

³ Doutorando em Educação – PPGE/UFES, bolsista FAPES, rodrigobravin@gmail.com

proposta é tentar encontrar e, se possível, refletir como o método fenomenológico poderá ser aplicado à educação especial escolar e não escolar e, com isso, visualizar (sempre que possível), seu sujeito ou campo fenomenológico. Este trabalho tem como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica, envolvido com o olhar da fenomenologia de corte humanista e existencial. Aqui e ali traremos a reflexão de diferentes autores para pensar a aplicação e desenvolvimento da fenomenologia enquanto método de pesquisa. Cabe, então, destacar o cenário no qual iremos desenvolver esse trabalho.

A fenomenologia, enquanto método investigativo, tem sido utilizada em diferentes correntes científicas (DeCASTRO; GOMES, 2011, p. 154-156). Sua proposta primeira é analisar os dados possíveis, experienciados na própria consciência do sujeito que está em co-relação intencional para o aquilo que a ele se manifesta. O conceito de intencionalidade é amplo e não daremos conta de desenvolver suas diferentes abordagens aqui. Contudo, cabe dizer que partindo da perspectiva de Husserl ou mesmo em Merleau-Ponty, a intencionalidade é o movimento da própria consciência humana que vai em direção a algo, alguma coisa sob a qual interessa conhecer. (SOKOLOWSKI, 2004, p. 17). Para Husserl, em contraposição às correntes filosóficas e científicas de sua época, a proposta dessa “nova” *fenomenologia é dura e requer esforço para “desobstruir”* o caminho do pensamento que levará às possibilidades do horizonte fenomenológico. Assim, conforme apontaram os seguidores de Husserl, cabe à fenomenologia estudar as essências de todos os fenômenos possíveis na relação pesquisador e mundo vivenciável (seja dele próprio ou de outro). Ou, naquilo que afirmou Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia tem como proposta descrever a experiência humana assim como ela se manifesta, tendo como posto-chave o sujeito como corpo encarnado no mundo. Dessa forma, na proposta merleau-pontyana, cabe à fenomenologia, como um método, descrever a essência dos fenômenos, mas não cabe analisar ou explicar esses fenômenos (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3), tal qual propôs Husserl (1859-1938) em suas “Investigações Lógicas”. Interessante notar que Husserl desenvolveu uma abordagem nova em sua proposta fenomenológica, sobretudo em “Ideias para uma fenomenologia pura...” (1913). Nesse viés, desenvolveu uma filosofia transcendental e não mais, apenas, a busca por uma filosofia que pudesse “competir” com as demais ciências de sua época. Se por um lado Husserl apontava a fenomenologia como uma tentativa de analisar aquilo que ‘chega’ à consciência, em Merleau-Ponty já não há esta sinalização. Aliás, Merleau-Ponty deixa bem claro na “Fenomenologia da Percepção” (1999) que a proposta da

fenomenologia é descrever, não explicar ou analisar, pois toda arquitetura explicativa sobre o mundo é uma explicação com base na própria vivência do sujeito que não só faz parte do mundo, mas o enxerga à sua maneira, ao seu modo de ver e agir nesse mesmo mundo no qual vivencia

Pensando no campo da psicologia, autores como Giorgi e Sousa (2010) fizeram uma distinção da proposta fenomenológica aplicada na filosófica e na psicológica existencial. Para eles, apesar da fenomenologia nascer no berço filosófico, quando adotada pela psicologia, ela persegue etapas diferentes e não pretende alcançar verdades apodíticas ou ao nível transcendental. Pois, diferentemente da proposta iniciada por Husserl,⁴ de se colocar o próprio sujeito entre parênteses, cabe à psicologia, ao utilizar o método fenomenológico, descrever (via redução fenomenológica) aquilo que o sujeito “investigado” fornece com base em suas próprias descrições. Interessante notar que, para Moura (1989), o projeto da intencionalidade de Husserl caminhou entre “dois lados” em sua fase inicial. Isso porque, antes de afirmar que a proposta fenomenológica estaria interessada apenas no “aquilo que aparece”, como um dado da percepção do sujeito imanente, o pensador alemão estaria acreditando que sua tese envolveria uma espécie de dupla jornada: idealista e fenomenológica. Isso levaria a perspectiva de Husserl a certo “idealismo transcendental” ou “fenomenologia idealista”, como aponta Moura. Essa afirmação husserliana, segundo Moura, será levada ainda em seus escritos após 1920 e defendida por Husserl (ainda que arbitrária) como uma necessária relação.

Na psicologia a fenomenologia, enquanto método de pesquisa, limita-se à síntese descritiva do fenômeno apresentado por outras pessoas que não o investigador. Para isso, na perspectiva da Psicologia Fenomenológica, o método investigativo passa por três níveis: a descrição de outros sujeitos (na filosofia o primeiro passo é a redução/suspensão dos juízos), a redução fenomenológica (na filosofia o segundo passo seria a análise eidética ou das ideias), e, por fim, a análise eidética pela variação livre e imaginativa, que na filosofia seria a descrição do fenômeno percebido (GIORGI; SOUSA, 2007, p. 75). Veremos um pouco mais detalhadamente como se dá essa diferenciação na aplicação do método fenomenológico no campo da filosofia, para podermos compreender sua

⁴ Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Crítica da razão fenomenológica*. 1. Ed. São Paulo: Nova Stella : Editora da Universidade de São Paulo, 1989, p. 11-17. Para Moura, isso é só o início da problemática deixada por Husserl, que não cabe e nem teremos espaço para tratar dessa questão aqui.

aplicação na proposta metodológica da psicologia, como abordagem investigativa do sujeito.

METODOLOGIA

A metodologia do presente artigo se fundamentou na pesquisa bibliográfica como meio para obtenção dos dados sobre os quais iremos discutir, tendo o olhar da fenomenologia como proposta de leitura interpretativa e descrição compreensiva da própria fenomenologia como método de pesquisa, ao surgir na filosofia, passando de maneira própria pela psicologia e educação. O horizonte que se espera chegar é apresentar uma proposta em aberto para pensar o método fenomenológico como postura investigativa do sujeito inserido no espaço da educação especial.

ASPECTOS DA FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO INVESTIGATIVO NA FILOSOFIA

A Filosofia atua na busca por conceituações. Dessa forma, ir às bases fundantes de determinada “coisa” caracteriza o próprio método filosófico. Entretanto, outras formas de busca por uma fundamentação lógica e justificável podem ser atribuídas à Filosofia em seu conjunto. Dessa forma, a própria fenomenologia pode ser “objeto” de investigação da filosofia, utilizando a própria fenomenologia enquanto método. Em se tratando de busca por aquilo que está na “base das coisas”, vejamos o significado da própria palavra fenomenologia conforme o olhar de um professor de filosofia:

O título *fenômeno*-logia compreende-se a partir de dois vocábulos gregos – φαινόμενον e λόγος – de sorte que, literalmente, a palavra designa um saber que diz respeito ao fenômeno, uma ciência mesmo. A partir desta decomposição, podemos avançar preliminarmente o seguinte: o *fenômeno* qualifica o objeto desta ciência, enquanto o *logos* indica o modo de abordagem que convém aplicar a este objeto; o método é o caminho para alcançar um conhecimento adequado do mesmo. (SANTOS, 2013, p. 27). (Grifos do autor).

A afirmação do professor Bento S. Santos sustenta nosso apontamento acima, de que a filosofia adota a si mesma como um método investigativo e que, se observada sob uma determinada corrente filosófica, nesse caso, a fenomenologia, o próprio método fenomenológico torna-se método que possibilita observar a si mesmo enquanto método.

Dessa forma, como apontamos acima, a fenomenologia, enquanto método de investigação, ganhou contorno mais nítidos a partir do pensamento de Husserl em “Ideias para uma fenomenologia pura...” de 1913, ao colocar a questão da alteridade e

intersubjetividade no horizonte investigativo (RIZO-PATRÓN, 2010, p. 88). Como também sinalizamos acima, outros pensadores desenvolveram suas próprias concepções de fenomenologia e sua aplicação enquanto método investigativo conforme suas próprias interpretações de Husserl. Um exemplo dessas variações é o modo como o pensador francês Merleau-Ponty (1908-1961) desenvolveu seu modo próprio de concepção fenomenológica. Dessa forma, para a proposta merleau-pontyana na obra “Fenomenologia da Percepção” (1945), a fenomenologia atua com a concepção de percepção, que atua por meio das sensações, sentidos, ou todo o corpo como um ser perceptivo. Nesse viés, um investigador fenomenológico deverá considerar o sujeito como ser vivente em um mundo e que seu próprio corpo “capta” as manifestações fenomenais do mundo circundante (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3-4). A fenomenologia, como postura investigativa, visa a intencionalidade do ser pesquisador, que se dirige para um horizonte ainda indeterminando, mas prenhe de possibilidades. Não cabe ao pesquisador estar apenas com os ouvidos atentos, mas, também, o olhar, os sentidos, cada coisa pode ser significativa: uma palavra, um gesto, um olhar, o não dito pode dizer muita coisa, se soubermos compreender o silêncio (AMATUZZI, 2008, p. 39).

Na perspectiva de Martin Heidegger (1889-1976), outro discípulo de Husserl, a fenomenologia visa o preparo de um caminhar que se orienta pela própria pergunta, como uma “*pergunta diretora*” em busca pelo sentido de ser (HEIDEGGER, 2012, p. 101). Dessa forma, o foco da proposta heideggeriana é a existência. Para isso, desenvolveu a analítica existencial como meio para chegar à existência mesmo do homem, ao que é de mais genuíno na constituição do ser que não se limita à subjetividade, mas a compreensão ontológica do ser humano. Não à toa, a proposta metodológica de Heidegger passa por uma ontologia-fenomenológica-hermenêutica do *Dasein* que reconhece na vida, ela mesma, um fato essencialmente genuíno para uma pesquisa séria. A fenomenologia heideggeriana busca o envolvimento circular compreensivo. Esse olhar circular em torno e envolvido no existir do sujeito é o modo hermenêutico de compreensão: a cada olhar um novo dado, um novo fato compreensivo. Esse é o caminho da interpretação daquilo que aparece como fenômeno. A interpretação é o processo de desenvolvimento do entendimento daquilo que foi apropriado. Aquilo que foi apropriado e compreendido (*Verstanden*) é o fenômeno que mostrou por si mesmo. Heidegger nos leva para sua ontologia fenomenológica, por querer fazer da descrição hermenêutica do ser do *Dasein* uma descrição do ser em seu puro estado ôntico, ou como fenômeno genuinamente

desvelado. Ao procurar descrever aquilo é que mais genuíno, Heidegger quer descrever aquilo que é essencial para a compreensão da existência do homem. Por isso, a descrição do fenômeno não é uma descrição qualquer, de qualquer coisa, mas é descrição do genuíno sentido de ser desse “ente exemplar” no seu próprio existir cotidiano. Sendo o *Dasein* (ser-aí) como a “sede do entendimento do ser”. (HEIDEGGER, 2012, p. 49). A fenomenologia heideggeriana, em sua primeira fase, desenvolvida na obra inacabada “Ser e Tempo”, apontou para uma analítica existencial do ser humano. Heidegger indica que a analítica existencial deve nos possibilitar a ouvir atentamente o apelo do ser, deixando-o desvelar-se por si mesmo, mas sempre se atentando que a pesquisa deve estar aberta às contingências do próprio modo de ser do *Dasein*. O modo de tratamento daquilo que o *Dasein* desvela deve ser sempre tratado como provisória e possível verdade. Heidegger critica a objetividade das ciências que tomam a verdade como dado fixo, guardando seus “resultados” em “compêndios” que posteriormente possam ser revistos e redefinidos. (HEIDEGGER, 2012, p. 51). Por isso, ele rejeita a indicação de uma pesquisa que leva em conta a completa redução fenomenológica diante do fenômeno.

A fenomenologia é uma postura metodológica em desenvolvimento. Muitos outros autores, pensadores e pesquisadores desenvolveram e estão desenvolvendo de maneira própria a pesquisa fenomenológica como caminho interpretativo e compreensivo para descrever o sujeito em sua relação com o mundo que o cerca. Não à toa, trouxemos o debate para esse trabalho. Ainda que percorrendo apenas alguns caminhos pelos quais a fenomenologia tem e está percorrendo. Vejamos outras abordagens.

Para Giorgi e Sousa (2010) a fenomenologia, enquanto método investigativo aplicado na Filosofia, nesse caso, enquanto disciplina nomeada como “Fenomenologia Fenomenológica”, tem como objeto fenomenal os dados da intencionalidade da consciência do sujeito. Dessa forma, a busca para por uma análise descritiva⁵ está, também, sobretudo, à procura de uma descrição apodítica daquilo que a consciência manifesta (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 73). Esse aspecto é, todavia, o corte diferencial entre o que se espera da Filosofia e Psicologia. A aplicação da fenomenologia enquanto um método investigativo será analisado em outro momento nesse trabalho.

⁵ Embora, como já apontamos, Merleau-Ponty em sua obra Fenomenologia da Percepção (1941) não concorde com a possibilidade e necessidade de analisar os dados do fenômeno, apenas cabe ao sujeito da pesquisa a descrição dos dados.

Continuamos, então, à busca por uma descrição do que seja o método fenomenológico quanto aplicado na perspectiva filosófica. Ainda sob os apontamentos de Giorgi e Sousa (2010), os mesmos descrevem três passos para a utilização do método fenomenológico na Filosofia sob o viés da “variação livre imaginativa” do sujeito que investiga. Nesse sentido, os autores sinalizam que na Filosofia o método fenomenológico já inicia com a redução fenomenológica, ou seja, o pesquisador filósofo, imbuído do método fenomenológico, já inicia a sua busca pelo apodítico realizando o que Husserl chamaria de *epoché*, um tipo de suspensão dos juízos, daquilo que estava previamente pensado ou *pre-suposto* na consciência do investigador. O investigador deve levar em consideração que o mundo já é um dado, uma realidade em si e o que se espera descrever é apenas um recorte dessa realidade, apenas aquilo que os sentidos “captam” desse mundo (CERBONE, 2012, p. 35-37). A perspectiva do mundo não termina com o investigador. A perspectiva do investigador sim, pois esse tem limites orgânicos, físicos, temporais, etc. A chamada suspensão dos juízos é uma volta àquilo que se observa sem um entendimento *a priori*, pois se espera poder tomar a atitude cética em relação ao que se pensa compreender. Dessa forma, o investigador trará somente aquilo captado pela intencionalidade da atitude natural (SOKOLOWSKI, 2004, p. 58).

Voltando aos passos da perspectiva filosófica sobre o uso do método fenomenológico, temos o segundo momento a análise eidética ou a procura pela essência do objeto fenomenal tal qual a consciência capta. O terceiro passo é, então, a descrição dessa essência fenomenal. Entretanto, na perspectiva filosófica, o método fenomenológico busca aquilo que está para além da manifestação da consciência, ou seja, busca-se compreender analiticamente (à luz do que propôs Husserl) o próprio sujeito cognoscente. Nesse caso, o próprio sujeito é posto em parênteses para análise descritiva no processo chamado redução transcendental. (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 76-77).

A metodologia, quando vista sob o viés filosófico-fenomenológico, tem como objeto de pesquisa todas as coisas tidas como possíveis de análise e descrição. Tudo aquilo que sob a premissa ontológica ou metafísica manifesta-se para e com o sujeito, com o ser-no-mundo vivente. Vejamos como se dá o método investigativo fenomenológico quanto aplicado na perspectiva da Psicologia.

ASPECTOS DA FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO INVESTIGATIVO NA PSICOLOGIA

Nos moldes do que propôs Husserl em sua busca por uma “fenomenologia pura”, o método fenomenológico alimentou a Psicologia sob uma perspectiva eidética, ou seja, sob a perspectiva de que o mundo (*Lebenswelt*) pode ser percebido, analisado e descrito sob diferentes olhares. Contudo, como já apontamos acima, Husserl precisou ir além do que primeiramente havia colocado para poder responder as críticas dos chamados psicologistas. Assim, resultou da redução eidética (como um tipo de “Psicologia pura”) para uma redução transcendental, ou “fenomenologia pura”. Buscando, assim, certa “inovação” na proposta fenomenológica, ou da redução fenomenológica. (CERBONE, 2012, p. 25-28).

A fenomenologia, enquanto metodologia de leitura do sujeito no mundo existencial, ganha contornos diferenciados ao entrar no campo da corrente existencialista. O existencialismo defende que o sujeito é, antes de tudo, um ser jogado no mundo. Esse princípio é contra outro princípio contrário, que prevê que o homem possui uma essência para depois constituir sua existência. Contrário a essa afirmação, a corrente existencialista defende que o homem é, antes, um ser que existe no mundo e nessa existência vai constituindo sua essência. Por isso, existencialismo. Nesse existir cotidiano, o sujeito vive em busca de si, submetido em suas relações com o mundo. A escola, por exemplo, é um espaço cheio de relações subjetivas e intersubjetivas. A escola é constituída de existência e resistência ao forjar o sujeito no enfrentamento cotidiano que lhe imprime sinais significativos. Nessa linha, na perspectiva da psicologia existencial de Tereza Erthal (2013), o existir cotidiano implica a formação da verdade própria do sujeito. Um existir que implica angústia, desespero, por isso, escolha diária. Sob a perspectiva sartreana, afirma, “*existir é escolher-se*” (ERTHAL, 2013, p. 35). A pesquisa fenomenológica implica em reconhecer que cada ser é único no mundo. Por isso, exige que o pesquisador atue despojado de suas pré-concepções, pré-julgamentos e visões de mundo. Ainda que se reconheça que essa redução não possa se por completo, como pretendia Husserl.

No que consiste, então, a redução fenomenológica na perspectiva da psicologia? Ainda naquilo que nos afirma Giorgi e Sousa (2010), a redução fenomenológica na psicologia limita-se àquilo que propõe a filosofia. Na filosofia, a redução fenomenológica, como apontamos acima, continua no horizonte da redução

transcendental, colocando o próprio sujeito cognoscente “entre parênteses”, em busca de dados evidentes. Ao passar pelo crivo metodológico da psicologia, a redução fenomenológica busca analisar apenas aquilo que o sujeito investigado manifesta – sem a busca pela comprovação apodítica de suas percepções e manifestações de sua vivência – pois o evidente é o que é real para o sujeito da pesquisa do psicólogo fenomenológico. Assim, Giorgi e Sousa (2010) afirmam que o método fenomenológico nas investigações da Psicologia, diferentemente do que propõe a Filosofia, segue por três caminhos – limitando-se, como apontamos, a não realizar a redução transcendental. Dessa forma, o primeiro passo para a investigação do método fenomenológico na psicologia é a descrição de sujeitos. Diferentemente da Filosofia que inicia com a *epoché* – suspensão daquilo que já se sabe ou *pre-supõe* – o investigador psicólogo-fenomenológico irá ir ao encontro com as experiências vividas do sujeito da investigação, sempre respeitando aquilo que para o investigado é real e sentido, em seu mundo vivencial. Vale ressaltar que o sujeito investigado não precisa conhecer a metodologia aplicada pelo investigador (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 75). O segundo passo no método fenomenológico é a redução fenomenológica. Diferentemente do que propusera Husserl, o investigador fenomenológico, aplicando o método na perspectiva da Psicologia, não irá buscar a redução transcendental, mas irá analisar e descrever apenas os dados manifestados pelo sujeito investigado. Nesse viés, os dados coletados serão aqueles que surgem na consciência do sujeito investigado, mas o sujeito não é posto “entre parênteses” como na Filosofia, pois os sujeitos da investigação manifestarão dados e descrições daquilo que eles próprios vivenciam à maneira como compreendem o mundo a sua volta, pelo senso comum (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 77). O terceiro passo é, por fim, a análise Eidética. Aqui espera-se que o psicólogo fenomenológico realize a síntese daquilo que lhe foi manifestado, em pura experiência humana. A compreensão de um outro, vivência de um outro, passa agora à compreensão do investigador, imerso no vivenciável de outro que não ele. Ao delimitar o objeto daquilo que se busca na Psicologia fenomenológica, o investigador assumirá a descrição da estrutura do significado psicológico do sujeito investigado, a síntese de uma experiência vivida por outro. Dessa forma, a descrição irá se concentrar naquilo que mais se destaca, que mais se manifesta nas descrições do sujeito investigado. A “variação livre imaginativa” (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 78) servirá como um tipo de entrelaçamento entre os dados vividos do investigado e o envolvimento do pesquisador, ambos, de certa forma, interessados em encontrar as “estruturas peculiares do ser-no-mundo.” (BONOMI, 1974, p. 22).

É possível dizer, então, que o objeto da análise descritiva da Psicologia fenomenológica é a vivência, que inclui aqui a experiência e a percepção do sujeito imerso em seu mundo como ser-no-mundo. Ser-no-mundo é o ser que foi lançado no mundo que envolve não só coisas, mas pessoas, normas, éticas, moral estabelecida e tudo aquilo com o qual esse ele terá que enfrentar e se relacionar. Esse estado de relações com coisas do mundo, envolve sua inter-relação com outros *Daseins* (outras existências), possibilita a elaboração de suas relações significativas, que emanam essências aqui e ali. Como diz Virginia Moreia (2004): “*não se pode pensar a essência desvinculada do mundo*”. O mundo em si não pergunta sobre sua existência: o ser humano, sim. Entrementes, o sujeito é um ser que se pergunta e pergunta pelo seu mundo, pelo significado de sua existência: quem sou? O sujeito é um ser que vive “em um lugar”, um ser que mora no mundo. (HEIDEGGER, 2012, p. 173). O mundo é sua casa. Nessa casa, o ser humano vive e se relaciona como ser-no-mundo. (HEIDEGGER,

Imerso na perspectiva de mundo, sujeito e mundo, a fenomenologia busca desenvolver mais do que descrições técnicas, ao mirar intencionalmente para aquilo que possa emergir em seu mundo fenomenal. (FERREIRA; PINEL; PEREIRA, 2019, p. 83). Cabe, então, ao método fenomenológico, quando aplicado à Psicologia, descrever a experiência vivida, narrada, apontada e exprimida pelo senso comum. Nesse sentido, Giorgi e Sousa apontam que:

Os dados de uma investigação fenomenológica são descrições de experiências de sujeitos vividas no âmbito do senso comum. O critério fundamental é, tanto quanto possível, obter descrições tão detalhadas e concretas das experiências dos sujeitos. Não existem descrições perfeitas, definitivas ou completas. [...]. Para isso, é importante que a descrição seja tão específica e concreta quanto possível, relacionada não tanto ou apenas com racionalizações apresentadas pelos sujeitos da amostra, mas com a sua *subjetividade incorporada*, tal como é experienciada na vida quotidiana. (GIORGI; SOUZA, 2010, p. 79). (Grifos do autor).

Vale aqui destacar a influência da Psicologia na Educação. Dessa forma, o campo investigativo dilata-se sobre o horizonte do surgimento de novas epistemologias. Nesse caso, a Psicopedagogia que terá o sujeito que aprende, o ser cognoscente como objeto de sua pauta metodológica. Contudo, diferente da Psicologia, que visa descrever a manifestação consciente dos atos vivenciais do sujeito, a psicopedagogia terá em seu horizonte de investigação outras vertentes que não apenas a Psicologia, somando, assim, a Psicoterapia, a semiótica, a neuro-psicopedagogia, etc. Essa soma de saberes contribui para a definição metodológica que descreverá o sujeito da educação em sua dimensão

construtiva do saber (SILVA, 1998, p. 20-21). Entretanto, não desenvolveremos essa situação aqui apresentada. Tentaremos, apenas, desenvolver como a fenomenologia se aplica no campo da educação.

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO COMO POSTURA COMPREENSIVA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Sendo a educação um fenômeno das relações humanas, pois ela é inerente ao processo constitutivo e evolutivo da sociedade em seu processo de trocas de saberes e fazeres, cabe à fenomenologia a aplicação de um método que possa descrever fenomenologicamente aquilo que ela possa exprimir. Mas qual seria o objeto da investigação do método fenomenológico na educação? É possível dizer que há uma Fenomenologia da Educação capaz de analisar e descrever suas relações internas e inter-relacionais (sujeito/escola; escola/comunidade) sem cair no *ambivalismo* e dualismo positivista?

Do ponto de vista da filosofia, há filósofos que propõe um tipo de fenomenologia da educação capaz de dialogar com outros saberes (antropologia, sociologia, psicanálise, etc.), como forma de constituir um saber que possa dizer especificamente sobre a educação e/os processos educativos. Ao que parece, o sujeito da educação é o objeto fenomenal dessa descrição. Mas qual sujeito? O sujeito que aprende, que se relaciona, que ensina? Essas questões ficarão em aberto por enquanto.

O professor Antônio Rezende (1990) propôs desenvolver uma fenomenologia da educação à brasileira, como um estilo de conduta à pesquisa. Por isso é preciso haver certa relação entre quem investiga e seu horizonte fenomenológico. Dessa forma, aponta Rezende:

Isso precisa ser dito de maneira bastante clara. Por vezes se disse que a fenomenologia é antes de tudo um método. [...]. Digamos que a fenomenologia pretende ser um método adequado ao estudo do fenômeno, entendido da maneira como ela o compreende e não de outra. (REZENDE, 1990, p. 13).

A proposta metodológica aqui apontada pelo autor, como o próprio afirma, é um “dizer” do que foi proposto por Merleau-Ponty na “Fenomenologia da Percepção”, ou seja, o estilo metodológico é um olhar sobre o fenômeno sob a ótica fenomenológica. Dessa forma, podemos pensar que o fenômeno da educação é um manifestar-se que

somente poderá ser descrito à luz de um método capaz de compreender essa “maneira de ser” da manifestação, daquilo que aparece de forma singular. É importante frisar que esse “aparente” somente pode ser descrito em um corte temporal, pois o mesmo está em constante movimento inconcluso (PINEL, 2018, p. 150) e, em se tratando de sujeitos da educação, a descrição se dará sobre uma carne mundana (MOREIRA, 2007, p. 227) e ao tentar descreve-lo em outro momento já não é mais o mesmo. Estamos aqui delineando o objeto, melhor dizendo, em termos fenomenológicos, delineando o horizonte fenomenal do método investigativo fenomenológico aplicado na educação, qual seja, o sujeito da educação. Ora, se a educação é uma “coisa” humana, educação e sujeito estão inter-relacionados no processo de facticidade da vida, fazendo, assim, da educação um ato corpóreo e significativo, pois o processo de aprendizagem, sendo esse também um horizonte fenomenal, passa pela ação corpórea. Aprender esse sujeito que aprende e ensina é apreender todo seu processo de relação com o mundo (REZENDE, 1990, p. 49).

Seguindo a proposta freireana, Moacir Gadotti (1981) propõe, primeiramente, uma filosofia da educação que possa colocar a própria educação em questão: ora, qual o sentido da educação? (GADOTTI, 1981, p. 24). A metodologia que possa alcançar essa resposta, aponta Gadotti, deverá estar atenta à questão do sujeito. Nesse sentido, estudar a questão da educação é, ao mesmo tempo, estudar o sujeito. Para isso, cabe à metodologia que irá buscar esse “algo que se manifesta” na e da educação um espaço de escuta da manifestação do fenômeno, para não cair na “tentação” de querer medir o fenômeno, aquilo que aparece, pela régua da teoria. (GADOTTI, 1981, p. 29). O mundo não se adapta às teorias, as teorias sim. Elas se adaptam ao mundo, que é muito maior. Nesse viés, Gadotti (1981, p. 34) dirá que o sujeito que estuda a educação como um fenômeno deverá aprender a deixar-se conduzir por essa “coisa mesma”. Para deixar-se conduzir por aquilo que se manifesta é preciso deixar-se compreender o processo. Mais ainda, é preciso viver o processo do compreender. Dessa forma, afirma Gadotti:

Toda pré-compreensão de um fenômeno, toda interpretação é continuamente orientada pela maneira de se colocar a questão elaborada pelo sujeito a partir de uma práxis. O único “pressuposto” não estranho à atitude fenomenológica é aquele em que toda compreensão é uma relação vital do intérprete com a coisa mesma. Daí a complementaridade necessária entre *fenomenologia e práxis*. [...]. Nós somos sempre configurados por esta maneira de ser-nomundo. (1981, p. 34). (Grifos do autor).

Ao que parece, é por essa maneira de ser que o sujeito que pesquisa, investiga ou o nome que se queira dar, se apropria do método fenomenológico. A fim de poder desvelar

as coisas mesmas da educação. Apropriando-se de um estilo (como ao mencionarmos Rezende acima) que irá trilhar o caminho fenomenológico descrito (de diferentes formas) por muitos autores: o envolvimento, o distanciamento e a descrição compreensiva.

Nesse envolver, distanciar e novo envolvimento, busca-se compreender aquilo que aparece por si mesmo à consciência perceptiva do pesquisador no momento mesmo da situação vivenciada. No campo da educação especial, na classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar, a fenomenologia pode trazer descrições significativas para o saber próprio da educação. Quem são esses que aí estão em situação de atendimento hospitalizado? Quais são seus desejos, sonhos e projetos de vida? A tradição científica fomenta que a pesquisa deve ser iluminada pelo sujeito que faz a pesquisa. Por isso, ouvimos que “o método irá lançar luz sobre” determinado objeto. Ora! O que se espera é outra coisa. Espera-se que o próprio fenômeno ilumine a pesquisa pelo seu próprio e genuíno modo de abrir-se à pesquisa. Para isso, o pesquisador deve “*sair da posição de pesquisador natural*” (BAPTISTA, 1992, p. 32), para dar lugar ao pesquisador que “*põe-em-liberdade aquilo por que se faz a pergunta*”. (HEIDEGGER, 2012, p. 41). Mesmo que o sujeito pesquisado esteja em sua frágil situação de enfermo, durante o tratamento de saúde, na vivência cotidiana de dor e angústia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já salientado, nosso trabalho buscou percorrer, ainda que de forma, alguns caminhos pelos quais seja possível pensar a fenomenologia como método ou, no dizer de Heidegger, como postura investigativa que considera o genuíno sentido daquilo que aparece à consciência: o fenômeno sendo ele mesmo. Assim, buscamos mostrar como a fenomenologia nasce na filosofia como novo olhar sobre o mundo vivencial do sujeito, rompendo com a tradição positivista e objetivista que distanciava sujeito e objeto; apresentamos a maneira própria da psicologia, no uso da fenomenologia, como forma de descrever o sujeito em sua relação com esse mundo, ao propor uma redução fenomenológica compreensiva; ao apontar para uma fenomenologia da educação à brasileira, trouxemos alguns exemplos da leitura feita por alguns autores ao olhar para educação como espaço de relações que emergem significativos sentidos e reflexões do próprio fazer pedagógico da educação. Ao final, tecemos algumas breves reflexões sobre o papel da fenomenologia como metodologia de leitura vivencial, tendo a educação

especial, como a classe hospitalar ou o atendimento pedagógico domiciliar, como espaço de pesquisa.

O breve percurso aqui desenvolvido buscou trazer um debate ainda em aberto para a pesquisa fenomenológica da educação. Entendemos que seja preciso desenvolver e ampliar os pontos aqui apresentados. A pesquisa fenomenológica foi sendo estendida e entendida sob diferentes formas ao longo de um espaço pequeno de tempo e deixa em aberto um vasto campo de investigação que perpassa suas origens, suas diferentes aplicações e maneiras próprias de se fazer em diferentes esperas epistemológicas. Quem sabe, assim, contribuir para que a educação seja um espaço que reconheça as diferentes ex-sistências, fomente a resistência, possibilite as mudanças significativas a conscientização e conhecimentos diversos. Por ora e pelo limite que temos, deixemos esse debate para outras oportunidades.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Marina Elisa Costa. **Fenomenologia do existir do diabético**. (Tese). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1992. Disponível para acesso ao resumo no sítio da USP em: <https://repositorio.usp.br/item/000736760>. Acesso em: 08-09-2020.
- BONOMI, Andrea. **Fenomenologia e Estruturalismo**. Tradução de João P. Monteiro, Patrizia Piozzi e Mauro A. Alves. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DeCASTRO, Thiago Gomes; GOMES, Willian Barbosa. **Aplicações ao método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências**. *Revista Estudos em Psicologia*. Campinas I 28(2) I 153-161 I abril – junho, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/03.pdf>. Acesso em: 08-09-2020.
- ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. **Trilogia da existência: teoria e prática da Psicoterapia Vivencial**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013.
- FERREIRA, Herberth Gomes; PINEL, Hiran; PEREIRA, Priscilla Alves. **Descrição de um filme, educação especial e um olhar da fenomenologia: Hellen Keller e o milagre de Anne Sullivan**. In: Araújo, Michel P. M; FERNANDES; Hedlamar; PINEL, Hiran. (Orgs.). *Educação Inclusiva: Perspectivas e Práticas Pedagógicas*. São Carlos: Pedro & João, 2019, pp. 79-99.
- GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação: o esquecimento da educação e a Educação Permanente**. Prefácio de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GIORGI, Amedeo; SOUSA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em Psicologia**. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Virginia. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty**: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: Annablume, 2007.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Crítica da razão fenomenológica**. 1. Ed. São Paulo: Nova Stella : Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

PINEL, Hiran. Amizade na educação especial escolar e não escolar: um estudo fenomenológico a partir do filme taiwanês “Eterno verão” (2006), de Leste Chen. In: VICTOR, Sônia Lopes; VIEIRA, Alexandre Braga; OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Educação especial inclusiva**: conceituações, medicalização e políticas. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1990.

RIZO-PATRÓN, Rosemary. **Diferencia y otredad desde la fenomenología de Husserl**. *Revista de Filosofía Areté*. Pontificia Universidad Católica del Perú – PUCP. vol. XXII, n. 01, 2010, pp. 87-105. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/arete/article/view/589>. Acesso em: 08-09-2020.

SANTOS, Bento Silva. **Fenomenologia e Idade Média**. 1. ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2013.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Psicopedagogia**: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.